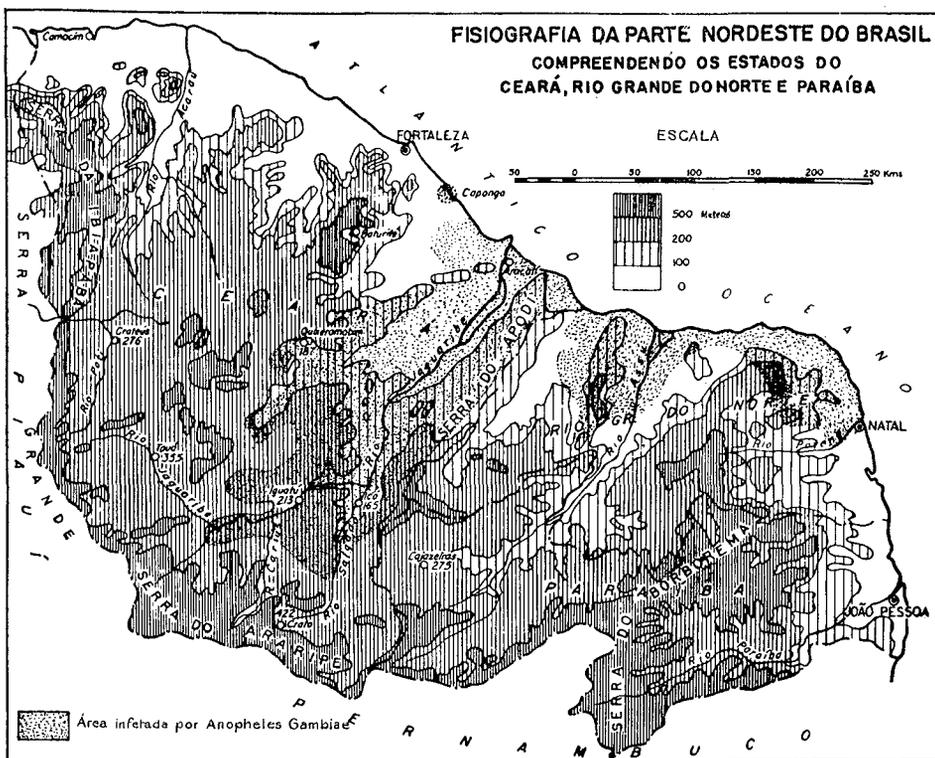


ANOPHELES GAMBIAE NO BRASIL, 1930 A 1940

O combate travado no Nordeste brasileiro durante o período de pouco mais de um ano contra o *Anopheles Gambiae*, levado a t ermo com surpreendente êxito, devido tanto   felicidade de ter tido como guias cientistas de incontrastável valor como R. C. SHANNON, FRED L. SOPER e D. BRUCE WILSON, quanto   atua o eficiente e operativa e aos recursos técnicos postos em prática pelo Serviço de Saúde Pública brasileiro em Natal, decerto passará para os anais médicos como uma das maiores senão a maior experiência e realiza o profilática de quantas foram levadas a efeito na nossa terra. Com a descoberta em 1930 de espécimes de *Anopheles Gamb. ae* em Natal, no Brasil, anunciava-se para nós uma grande calamidade. O transmissor da malária, uma vez concentrado em pontos do nosso território, particularmente favoráveis ao seu desenvolvimento, só muito dificilmente seria erradicado. Ainda no número de abril de 1944, a *Geographical Review* insere um artigo firmado por L.T COGGESHALL, que trata precisamente dêste assunto, e recorda as circunstâncias particulares que cercaram o aparecimento e a extin o de tão grave perigo para o nosso hemisfério, tecendo considera es a respeito. Dêste artigo, condensaremos os trechos mais importantes, nas linhas subseqüentes.



Como o maior vetor da malária, o *Anopheles Gambiae*   a causa de estar grande parte dos territórios africanos avassalados, sob a tirania da terrivel praga, que constitui um dos maiores entraves ao desenvolvimento daqueles povos. Com as crescentes facilidades de transporte entre Natal e Dacar, surgiu o perigo de serem êsses mosquitos introduzidos naquela zona, e, uma vez fixados ai, ampliar m o seu campo de propaga o infestando áreas novas através do continente americano. Êsses funestos prenúncios levaram um estudioso da malária, Dr. M. A. BARBER, a advertir: "Não se poderá duvidar que esta invasão do *Gambiae* ameaça as Américas com uma catástrofe tal, que comparadas a ela, as pestil ncias comuns, as conflagra es e mesmo a guerra são apenas calamidades

temporárias. O *Gambiae*, positivamente, inocula-se nas próprias veias de um país e pode ficar assolando-o por séculos. A própria penetração da febre amarela no Oriente poderia acarretar menores prejuízos, considerando-se que o seu vetor é doméstico e, portanto, mais passível de controle. Quando fôr escrita a história médica deste século, a luta das agências profiláticas contra esta invasão constituirá um dos seus mais interessantes capítulos”

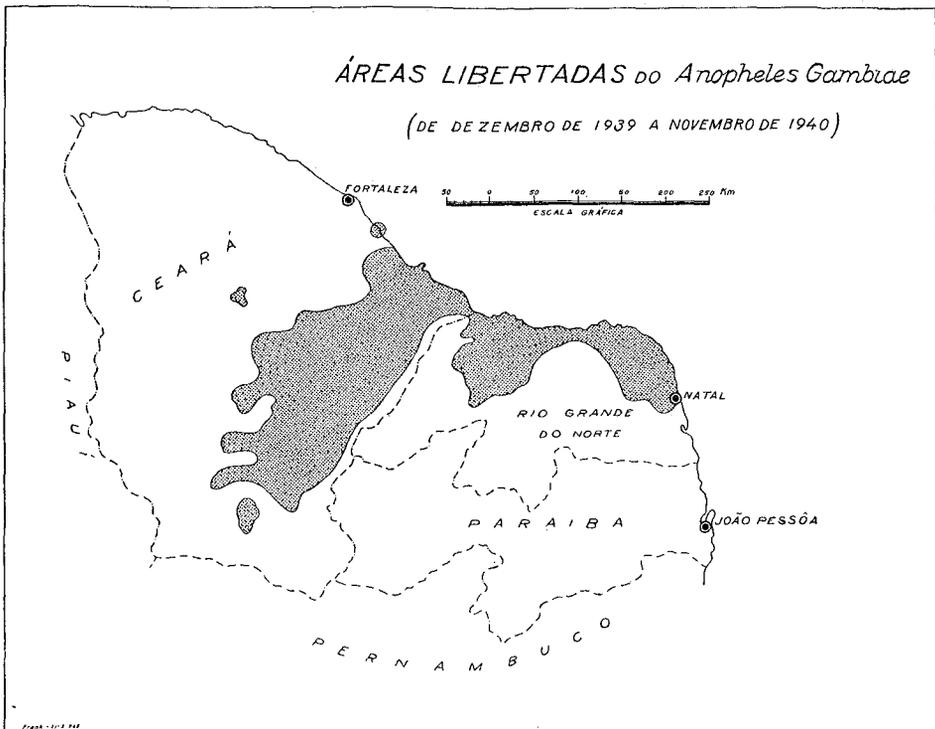
A transplantação do *Anopheles Gambiae* do seu *habitat* natural africano para o Brasil, provocada pelo intensificado contacto aéreo entre ambas regiões, foi uma advertência para as autoridades internacionais em matéria de saúde. Com efeito, este mesmo fenómeno poderá repetir-se, com maior ou menor risco, em diferentes lugares, desde que os transportes aéreos, enriquecidos com novas rotas e reforçados constantemente no seu volume, vêm articulando nas suas linhas zonas empestadas e insalubres, desta maneira concorrendo poderosamente para a disseminação de vetores de moléstias. E não bastam que sejam estes aparelhos pulverizados com inseticidas próprios, pois alguns espécimes, isoladamente, conseguem sobreviver. Tomemos um exemplo: Recentemente, o Serviço de Saúde brasileiro, em Natal, durante 18 meses, conseguiu recolher nos aviões procedentes do estrangeiro, que tocaram àquela base, 900 espécimes mortos em que predominava o *Anopheles Gambiae*, havendo 2 ou 3 mosquitos *Glossina* (tsetse) vetor da doença do sono africana. Há ainda que considerar, dentro deste quadro da introdução dos transmissores de moléstias exóticas em novas áreas, a possibilidade de se tornarem mais perigosos do que eram no seu *habitat* primitivo, pela ausência, naquelas, dos seus inimigos naturais. Expressivos exemplos corroboram essa tese. No Brasil, para fazer-se uma idéia do surto contagioso que caracterizou a progressiva infiltração do *Anopheles Gambiae*, basta recordar-se que não se carecia de muita diligência para capturar-se 150 espécimes nos aposentos de uma casa qualquer nos pontos mais afetados.

Já em 1928, Lutz, após seus primeiros vôos transatlânticos, pressentia a possibilidade dos insetos serem conduzidos para cá. Porém, somente em 1930 veio o *Anopheles* a ser realmente descoberto. Tombado em Natal, estaria longe de achar ali condições ideais de sobrevivência, não fossem as barragens construídas no Potengi para irrigar os campos, que lhes facilitaram sobremaneira a proliferação. Demais, auxiliado pelos transportes terrestres, ganhou novas posições numa expansão sempre crescente. Também as condições climáticas da estação chuvosa contribuíram para o seu rápido alastramento. A erupção epidêmica teve lugar logo um mês após o *Anopheles Gambiae* ter sido descoberto e, nas duas primeiras semanas de abril, de 1930, registraram-se cerca de 110 infecções. Em janeiro de 1931, tendo-se propagado por uma área de uns 6 quilômetros quadrados, esta cifra elevava-se a nada menos de 10 000 casos, correspondendo a uma população de 12 000 almas. As medidas tomadas para deter o surto epidêmico, como seja a pulverização dos focos com o verde-paris, atenuou a assolação e, em 1932, já se tinha largado toda e qualquer ação combativa.

Houve como que uma pausa, mas, em 1938, o *Anopheles Gambiae* lavrou uma nova infestação de malária, que desta vez tomou muito maior vulto. As baixas causadas na população foram enormes. Cemitérios de emergência tiveram de ser abertos. Em consequência, verificou-se um êxodo em massa das populações dos centros mais castigados. Somente na cidade de Baixa-Verde, das suas 951 casas 425 ficaram sem moradores e, em 263 casas, de 1 060 pessoas, 112 sucumbiram. De acordo com uma estatística aproximativa, 100 000 pessoas foram colhidas pelo mal, das quais 20 000 foram mortas.

Para fazer frente a tão angustiada situação, urgia a aplicação imediata de grandes medidas. Principiaram-se então os trabalhos de defesa. Mr R C SHANNON, o primeiro que descobriu o *Anopheles Gambiae* no Brasil, levantou o mapa das zonas infestadas, e, juntamente com os Drs SOPER e WILSON, colaborou ativamente ao lado das autoridades do governo, empenhadas em debelar o grande flagelo. Estes cientistas, que já haviam prestado em outras cidades maiores do Brasil, grandes serviços no combate ao *Aedes aegypti*, transferindo-se para aquele setor, organizaram prontamente um largo programa de ação.

Como ponto de partida para a elaboração do plano de ataque efetuou-se uma vistoria geral dos territórios infestados, colhendo-se informações sobre a ecologia do mosquito, morbidade, mortalidade e outros característicos da moléstia no homem. Começou-se da área periférica, pela obstrução dos charcos e drenamentos. Depósitos d'água permanentes foram pulverizados com verde-paris. Colocaram-se também inseticidas nos pontos de maior incidência. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se uma intensa propaganda educacional entre o povo, além de se instalarem postos de desinfecção, à margem das vias de comunicação, estradas, aeroportos e docas, aparelhados para a competente imunização dos veículos. Aos doentes forneceram-se atebriina e quinino. Tornaram-se logo patentes os benefícios produzidos por todas essas medidas, postas em prática com o máximo de energia e esforço. Basta dizer que, decorridos apenas nove meses de tão



árido empreendimento, podiam celebrar os seus chefes o seu mais completo êxito, e anunciar a extinção dos últimos espécimes. Tão completo êxito, decerto só foi possível alcançar-se pelo concurso de cinco fatores principais. Em primeiro lugar, vêm a topografia e o clima desfavoráveis das primeiras regiões povoadas pelo *Gambiae*, onde a estação chuvosa apenas se prolonga por quatro meses e o demorado verão facilita o ataque concentrado. Segundo: o emprêgo de poderosos meios capazes de vencer os naturais obstáculos. Terceiro: a própria condição biológica do *Anopheles*, à sua ova facilmente dissecável e pouco suscetível de ser transportada em estado viável, à preferência pelos poços d'água vizinhos às habitações para oviposição, sendo também êstes o lugar para onde convergem os adultos, circunstâncias essas que favoreceram largamente o ataque. Quarto: o uso generalizado dos inseticidas e do verde-paris de grande poder destruidor. Por último, cumpre salientar que o *Anopheles* não logrou alcançar as regiões úmidas do nosso país.

Os procedimentos a que se recorreram, poderão ser tomados como exemplo aos futuros casos de transplantação de moléstias de uma área geográfica para outra, que, dado o constante desenvolvimento dos meios de transporte, tendem a se tornar cada vez mais freqüentes.

J M C L

TERMINOLOGIA GEOGRÁFICA

- SIRGA** — Processo por que as canoas e batelões navegam no Amazonas no tempo da vazante. Amarra-se à proa uma linha de barca ou cabo fino e os tripulantes, correndo pela praia, rebocam a embarcação, que é guiada pelo piloto à pópa, no jacumã ou leme. (R.M.)
- SÍTIO** — Pequeno estabelecimento agrícola. Morada fora da sede dos municípios. Espécie de retiro que as pessoas mais abastadas possuem na proximidade dos povoados, vilas ou cidades. (R.M.)
- TABATINGA** — Argila plástica, escorregadia, de tôdas as côres. AGASSIZ quando andou na Planície ficou admirado da variedade de tintas da tabatinga. Percebe-se, na maneira por que o homem civilizado emprega essa palavra tratando de barro de vários tons, o esquecimento do significado aborígene, pois, *tinga*, na língua tupi, significa branco. Não é assim natural que se chame à argila verde, azul, vermelha, de tabatinga, (R.M.)
- TABULEIRO** — Trecho extenso que os rios deixam a descoberto em sua vazante, de ordinário arenoso. Local preferido pelas tartarugas para a desova. Ainda na Amazônia, "Campo sôbre o planalto" (BARB. RODR.), podendo ser coberto de relva ou de arbustos, ou descoberto com predominância de gramineas. (ULE). (A.A.M.)
- TAPAGEM** — Um dos muitos processos de pescaria na Amazônia. Tapam a bôca dos lagos, dos igarapês, dos aguaçais, com rêdes de fio de algodão, fibra de envira, talas de palmeira e tocam o peixe, que vai ter à saída, fechada pela tapagem e onde é apanhado. (R.M.)
- TAPIRI** — Construção volante para abrigar poucas pessoas e de ordinário uma, em matas e florestas, e que resume-se em varas de cinco palmos a um metro fincadas no solo, a certa distância e reunidas em seus extremos livres e assim sustentarão travessões para receber a cobertura de fôlhas de palmeira. Do guarani *tapii* choça. (A.A.M.)
- TAPUIO** — Caboclo civilizado. Nome dos descendentes de índios, hoje extensivo até aos mestiços dos mesmos, porém todos de cabelos pretos e lisos, quase ausência de bigode e barba. Numerosos tais tipos, consequência de grande mestiçagem no interior da Amazônia. (A.A.M.)
- TEJUPÁ** — Palhoça de duas águas com os beirais até o chão ou quase. Êle ocupa um lugar intermédio ao *tapiri* e à palhoça. Teijupar. Do tupi *tey* pessoa, gente; *ypab*, *upaua*, lugar, sítio. Tejupar (COLAGE). Tijupá (B. ROHAN). Teijupá (J. VERÍSSIMO e R. TEÓFILO). Tujupar (BAENA). Teijupá. (A.A.M.)
- TEMBETÁ** — Artefato arqueológico de grande importância em certas raças aborígenes, i. é., espécie de enfeite a pender do lábio inferior. Eram em geral de feldspato verde, usual entre os tupinambás, tamoios e goitacases. Do guarani *tembé* lábio, *ita* pedra (o bodoque de pedra). (A.A.M.)
- TENDAL** — Jirau de madeira ao ar livre onde secam os bagos de cacau depois de aberto o fruto. Em geral tem uma cobertura para a noite, de fôlha de zinco ou de palmeira, afim de que os caroços não apanhem sereno e não umedeçam. (R.M.)
- TERRA CAÍDA** — "Desmoronamento ocorrido durante a enchente pelas águas do rio que vão solapando as ribanceiras argilosas e que, infiltradas e amolecidas, e sem arrimo, projetam-se nos rios arrancando trechos de florestas que os margeiam" (JOHN BRANNER). Tais desmoronamentos produzem por vêzes ruídos ouvidos a enormes distâncias e oferecem sérios perigos à navegação. Freqüente na Amazônia. (A.A.M.)
- TERRA-FIRME** — Terreno alto, que não alaga. A cavaleiro das cheias, mesmo nas grandes inundações. (R.M.)
- TERROADA** — Lugar alto. O barracão é numa *terroada*. "Naquela terroada é só castanheira". (R.M.)
- TÊSO** — Trato da terra não inundável em zona alagadiça a ligar duas zonas enxutas. Porção elevada de terra firme nunca atingida pela enchente ou alagação. (A.A.M.)

- TORRÃO** — Bloco de tabatinga que escorrega das ribanceiras e fica no meio dos altos afluentes, endurecido por muito tempo. Parece pedra. Produz grande rebojo. Os "gaiolas", enquanto o rio não enche inteiramente, evitam-no. Dissolve-se com a ação das águas (R.M.)
- TRAPICHE** — Ponte sobre a qual é construído um armazém para abrigar mercadorias e onde atracam os navios a fim de carregar e descarregar. O pórtico de Belém, antes do cais atual, era cheio de trapiches. Cada empresa de navegação, transatlântica ou fluvial, tinha o seu. Com os melhoramentos do pórtico estão desaparecendo. Ainda assim, quase todas as cidades e vias paraenses do estuário tocantino e amazônico têm, no pórtico principal, um trapiche. Na região das *Ilhas* onde a terra ainda é muito baixa, não é possível um barracão sem o trapiche. Em geral são armados sobre estacada de madeira de lei. (R.M.)
- TRONQUEIRA** — Muitos paus fortes fincados casualmente no leito do rio dificultando a navegação (R.M.)
- UARA** — Designação do habitante, morador, natural do lugar. "Cametauára", "Marajoara". De u + hára = o corredor, o que se alimenta ou vive num certo lugar. Funciona como sufixo na formação dos patronímicos. (A.M.)
- UBÁ** — Canoa de um tronco só de árvore. Escavada a fogo, pelo índio, é na ubá, de vários tamanhos, que a tribo toda se locomove. Nela pesca o selvícola e nela se retira para o fundo da hinterlândia, à proporção que o invasor civilizado lhe toma a terra. A ubá é negra, feia, sem quilha, sem banco, sem conforto, sem estética. Impelem-na a remo de mão. (R.M.)
-